

CARTA A GIUSEPPE GARIBALDI

Data: 10 de maio de 1862

Tradução: Peter Faria Heine (Redemoinho Traduções)

Nota: publicado a partir de uma cópia da polícia. Primeira publicação na língua original. Faltam as imagens.

Ao General Garibaldi.
10 de maio de 1862. Londres,. 10.
Paddington Green. W.

Meu caro General. Tomo a liberdade de lhe enviar um amigo e compatriota que vem diretamente da Rússia e que poderá dar a você todas as informações possíveis sobre o que se passa agora no nosso país.

Herzen o conhece bem e, sem dúvida, também o recomendará ao senhor.

Não há dúvidas de que a Rússia caminha a grandes passos em direção a uma revolução que se tornou iminente. Quando ela eclodirá? Eis a questão. Talvez em 1863, talvez alguns anos mais tarde. Nós fazemos o nosso melhor para acelerá-la e para conectá-la aos povos que vivem na Europa. Na minha última carta, reclamei com o senhor das dificuldades que as desconfianças polonesas colocavam para nós. Hoje, nós acabamos de dar um grande passo: cedendo ao meu apelo, um polonês nos foi enviado do próprio país. Achamos o que procuramos por muito tempo, infelizmente em vão, na emigração polonesa: um vasto coração, uma inteligência grande e real, nada romântica, o representante dos verdadeiros interesses e da verdadeira posição atual da Polônia, representante de uma

jovem geração que compreendeu que toda a questão polonesa está no camponês. Nós nos demos as mãos e trabalhamos agora juntos. Nosso objetivo é a destruição da centralização moscovita-petersburguesa; a emancipação; a independência completa; a autonomia de todas as províncias polonesas e não polonesas que compõem o Império da Rússia; uma guerra à morte e destruição dirigida ao Império da Áustria, bem como contra o Império Turco, contra a Prússia também em parte, na medida em que ela é composta de províncias polonesas; e a federação geral de todos os povos eslavos. Gostaríamos de dar igualmente as mãos aos magiares e queríamos muito que eles renunciassem às suas ideias de dominação sobre os povos eslavos, e que no lugar de tender para a direção à realização impossível de um reino húngaro, e que teria o resultado inevitável de jogar todos os eslavos da Hungria no campo da casa austríaca, gostaríamos que eles finalmente compreendessem que só há para eles uma saída e um meio de vitória – é a federação húngara de todos os povos que compõem aquele país: magiares, romenos e eslavos em pé de perfeita igualdade, federação que poderia formar o núcleo de uma federação oriental mais geral e mais ampla.

Eis os nossos sonhos, General, e talvez chegará o tempo em que o senho será chamado ao grande papel de intermediário entre todas essas nacionalidades ainda muito desunidas – e sem a união dessas nacionalidades, a Áustria nunca será derrotada.

O que eu prego então agora aos eslavos é

a união com os magiares, porque, ainda que eles mesmos devam se transformar em nossos inimigos mais tarde, jamais saberiam se tornar tão perigosos ou poderosos quanto a Áustria.

Tenho um dever de lhe expor as nossas ideias, para motivar o envio do portador desta carta até você. Mais uma vez, ele é digno de toda a sua confiança tanto quanto você nos julga dignos dela. Ele possui toda a nossa. Gostaríamos de ligar o tanto quanto possível a nossa nação à sua. A Itália, pela posição, pelos interesses, pela relativa juventude, é a verdadeira amiga dos eslavos. Nós não temos nada para compartilhar, mas o mesmo inimigo para combater, a Áustria. Levamos nossas inimizades um pouco mais longe do que o senhor; somos os inimigos naturais dos alemães, o ódio aos alemães entre os eslavos corresponde perfeitamente ao ódio da Itália contra a Áustria e, do mesmo modo que isso contribuiu muito para unificar a Itália, o ódio aos alemães unifica os eslavos. Se Napoleão III, por exemplo, o que não seria absolutamente impossível, marchasse sobre o Reno, o que talvez considerássemos injusto em teoria, nós nos oporíamos somente a ponto de, pelo contrário, aproveitaríamos a situação para derrubar a Áustria, para emancipar as províncias polonesas da Prússia e para levar a revolução à Rússia. De onde o movimento partirá? Será a ambição e as necessidades internas da França que darão o sinal? Será uma revolta simultânea dos povos italiano, magiar, eslavo, armênio e grego de uma vez – será enfim a revolução russa? Eis mais uma vez a questão. Ninguém sabe a resposta. Tentemos ao menos, façamos tudo quanto possível para que cada um desses movimentos se volte e contribua para o mesmo objetivo: a liberação completa da Itália, a revolta e a liberação de todo o Oriente. Basta de Áustria, basta de dominação alemã, mas também basta de czarismo e Império Russo – no lugar de tudo isso, a federação dos povos autônomos e independentes. A obra é grande, mas não é nada impossível. Há esses momentos em que apenas o medíocre e o moderado são difíceis e irrealizáveis.

Comecemos por conectar os italianos aos eslavos. O rapaz, depois de falar com você,

partirá para Viena; de lá ele irá a Praga, descerá por toda a Hungria até a Sérvia; enfim, de Belgrado irá a Galatz, e então até a parte meridional da Rússia – a pequena Rússia, onde ele ficará para trabalhar na organização desse país magnífico, a Ucrânia, que não é polonesa, não é moscovita, mas constituída de um povo inteligente e completamente independente de 15 milhões de almas.

Agora, General, se o senhor acredita realmente na utilidade de uma aliança entre a Itália e os eslavos, se tem alguma fé na eficácia e na utilidade de nossa ação; se tem confiança em nós, fale com ele também francamente como se estivesse falando a nós mesmos – é um homem que nós pusemos à prova e que nos prestou grandes serviços, ou seja, à nossa causa. Diga a ele o que você deseja, encarregue-o de suas comissões para os países que ele vai percorrer, nomeie para ele as pessoas que ele deve ver – e diga se ele pode, e até que ponto pode, se servir do nome do senhor e nos representar para com os eslavos como seus fiéis aliados e amigos. Ele não passará do limite combinado e não fará ou dirá nem mais, nem menos.

Peço-lhe sobretudo que diga a ele francamente a sua opinião a respeito de uma questão que me parece bem importante.

Suponhamos que a Áustria estivesse se preparando para ir à guerra, seja contra você, seja contra a França, e provavelmente contra os dois de uma vez só. Haverá necessariamente um novo recrutamento. Eu sei através de boas fontes que neste caso haveria muita gente jovem que decidiria desertar, se tivessem certeza de encontrar não só um abrigo na Itália, mas também estivesse certo de que seriam recebidos nas legiões italianas e que, uma vez declarada a guerra, você constituiria com eles as legiões tcheca (boêmia-eslava), eslovaca, croata, sérvia etc. Se estivermos seguros de que tal coisa é possível, nós trabalharemos para prepará-la. Mas não podemos assumir a responsabilidade de enviar pessoas para o exílio sem lhes dar um pedaço de pão. Peço desculpas, General, por ter tomado tanto o seu tempo.

Resta-me apertar a sua mão e agradecer-lhe pelo amigável bilhete. Fielmente seu.

M. Bakunin.

Permita-me que eu lhe dê, para qualquer ocasião, um endereço seguro:

*London, Mis., for remitting to Miss Eliza
Jones. 10. Paddington Green. W.W.*

P.S.: O amigo de quem lhe falo e que é portador desta carta se chama André [Nikiforenko]. Ele chegará à sua casa, sem dúvidas, acompanhado de outro russo, um excelente rapaz, mas um pouco imprudente e falador. Herzen, na sua carta, também o recomendará por cortesia. Mas nós pedimos a sua confiança apenas para o amigo, que é o mais hábil entre os dois.